

Aprovada na 865ª sessão

ALADI/CR/Ata 863  
(Extraordinária)  
24 de maio de 2004  
Hora: 11h 50m às 12h 45m

ATA DA 863ª SESSÃO, EXTRAORDINÁRIA,  
DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

Doação do Governo da República de Cuba de um Busto do Herói Nacional José Julián Martí y Pérez à Associação.

\_\_\_\_\_  
Preside:

HÉCTOR CASANUEVA OJEDA

Assistem: Juan Carlos Olima (Argentina), Armando Loaiza Mariaca e Marcelo Janko Álvarez (Bolívia), José Amir Da Costa Dornelles (Brasil), Héctor Casanueva Ojeda e Axel Cabrera (Chile), Claudia Turbay Quintero e María Claudia Garavito Triana (Colômbia), José Felipe Chaple Hernández (Cuba), Leonardo Carrión Eguiguren e Juan Larrea Miño (Equador), Perla Carvalho, Dora Rodríguez Romero e César Manuel Remis Santos (México), Bernardino Hugo Saguier Caballero e Marcelo Eliseo Scappini Ricciardi (Paraguai), Eric Anderson Machado (Peru); Agustín Espinosa Lloveras e Mariella Crosta (Uruguai), María Lourdes Urbaneja, Nancy Unda de González, Magdalena Simone e Juan Ramón Chiarino (Venezuela); Luis Augusto Frappola Álvarez (Nicarágua), Arnaldo Chibbaro (IICA), José Fiusa Lima (OMS/OPS).

Convidados especiais: Didier Operti, Ministro das Relações Exteriores do Uruguai; Monsenhor Janusz Bolonek, Núncio Apostólico; Raúl Gortázar Marrero, Cônsul-Geral de Cuba; Corpo Diplomático.

Secretário-Geral: Juan Francisco Rojas.

Secretários-Gerais Adjuntos: Leonardo F. Mejía, María Teresa Freddolino.

\_\_\_\_\_

SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO (Leonardo F. Mejía): Vamos dar início à Sessão Extraordinária do Comitê de Representantes em homenagem a Dom José Julián Martí Pérez, e à entrega do Governo da República de Cuba à Associação, de um Busto de seu Herói.

A continuação, fará uso da palavra o Embaixador Héctor Casanueva Ojeda, Presidente do Comitê de Representantes.

PRESIDENTE: Bom dia.

Excelentíssimo Senhor Ministro e Presidente do Conselho de Ministros da ALADI, Doutor Didier Operti; Senhor Núncio Apostólico, Decano do Corpo Diplomático; Senhores Representantes Permanentes, colegas, Embaixadores, membros do Comitê Permanente; Senhor Secretário-Geral; Senhores Secretários-Gerais Adjuntos; Embaixadores e Representantes de Organismos Internacionais, Doutor Eusebio Leal, historiador e orador central deste ato, Autoridades Públicas do Uruguai, Senhores Membros das Representações, Funcionários da ALADI, Senhoras e Senhores:

Assistimos na manhã de hoje, a uma sessão especial e solene do Comitê de Representantes Permanentes, para render homenagem ao Prócer da Independência de Cuba, José Martí.

Outrossim, vamos receber a doação do Governo da República de Cuba, de um Busto de Martí, que será colocado no jardim de entrada da Casa da Integração, junto aos de Bolívar, San Martín, Tiradentes, O'Higgins, Hidalgo e Artigas.

Desejo, em primeiro lugar, deixar constância da complacência deste Comitê Permanente pela realização desta merecida homenagem, e, em nome dos Senhores Embaixadores e no meu próprio, agradecer ao povo cubano, na pessoa do Senhor Encarregado de Negócios de Cuba, Dom José Chaple, a doação desta obra.

Senhoras e Senhores:

Vamos desfrutar esta manhã de uma ilustrada apresentação do destacado historiador cubano, Doutor Dom Eusebio Leal Spengler, sobre a figura do Prócer.

O Doutor Leal é um acadêmico reconhecido nos âmbitos latino-americano e europeu, titular e professor convidado de diversas universidades da região, Membro Correspondente, entre outras, da Real Academia Espanhola de História, e Membro de Número da Academia Cubana, e Correspondente da Real Academia Espanhola da Língua. Seus méritos e aportes à cultura tem sido, além disso, reconhecidos por diferentes Governos, tanto da América Latina como da Europa e da Ásia, que lhe outorgaram as mais altas condecorações.

Por suas palavras poderemos rememorar a vida e obra de Martí, e obter uma notável informação sobre sua extraordinária liderança e promoção da causa da independência de sua pátria, e além disso, seu aporte às letras americanas e à criação intelectual nos mais variados campos do saber.

Por isso, permitam-me que me limite a salientar somente aquilo que, a meu modesto entender, resulta mais assombroso na personalidade de José Martí.

Não é freqüente encontrar, na história da humanidade, personagens como Martí, que combinaram com igual perseverança e certeza, o fervor revolucionário, a liderança política e a capacidade logística, com vocação acadêmica e uma exitosa criação literária.

Esta última, com tal grau de originalidade e beleza, que até nossos dias ressoam seus versos e estudam-se suas obras dramáticas, como precursoras de um acervo intelectual latino-americano que transcende nosso Continente.

Por outro lado, é notável o fato de que em poucos anos, o herói fosse capaz -embora seus constantes problemas de saúde- de desenvolver uma atividade incessante e simultânea em todos esses campos, enquanto se movimentava por diferentes países da América e da Europa, pela perseguição de que era objeto, pela necessidade de ir aglutinando e organizando seus compatriotas espalhados pela América Central, o Caribe ou pelos Estados Unidos, para a ação política que libertasse sua pátria.

Guatemala, Haiti, Honduras, Jamaica, Costa Rica, Venezuela, México, Espanha, Inglaterra, França, República Dominicana, Nova York, Florida, são alguns dos lugares nos que propagou sua ação.

Em cada lugar onde esteve, embora fosse por curto tempo, além de seu trabalho militante, dava-se espaço para opinar na imprensa local, ditar classes, pronunciar discursos, participar em veladas literárias, polemizar com os atores políticos ou para escrever versos, obras de teatro, e inclusive, fazer traduções por encomenda.

Outrossim, assombra gratamente constatar sua qualidade de pessoa confiável para seus compatriotas e estranhos, manifestada em fatos tão relevantes como que, em sua estada nos Estados Unidos, exercesse em diferentes momentos, os cargos de Cônsul-Geral interino do Uruguai, Delegado do Uruguai junto à Conferência Monetária Internacional Americana, Cônsul-Geral da Argentina e do Paraguai, e membro junto a delegados do Chile, da Colômbia e do Brasil, de uma Comissão especial de estudo dos temas monetários apresentados na Conferência Interamericana convocada pelos Estados Unidos.

Sem dúvida, uma forma muito concreta de latino-americanismo e vivência pessoal da integração.

Um exame superficial -porque fazê-lo de forma exaustiva seria uma tarefa longa e minuciosa, própria de historiadores e acadêmicos, condição que lamentavelmente não possuo- de seu extenso e variado testemunho escrito, de seus pensamentos plasmados em poemas, dramas, discursos ou correspondência, permite descobrir com facilidade o espírito humanista e de profundo amor ao próximo de José Martí.

Gostaria de fazer referência, como exemplo disso, àqueles versos maravilhosos, escritos por alguém que já aos 17 anos sofria, pela primeira vez, o cárcere, seus grilhões e o maltrato, e apesar disso, dizer:

*“Cultivo una rosa blanca  
en julio como en enero  
para el amigo sincero  
que me da su mano franca.*

*Y para el cruel que me arranca  
el corazón con que vivo,  
cardo ni ortiga cultivo;  
cultivo una rosa blanca.”*

Senhoras e Senhores:

Sem lugar a dúvidas, José Martí forma parte de nosso acervo cultural e político latino-americano. Um cubano de quem nos apropriamos progressivamente à medida que vamos lendo seus versos e descobrindo sua trajetória, para contá-lo como um dos nossos, junto aos libertadores americanos que forjaram nossa independência.

E como tributo de um poeta comprometido politicamente com a liberdade e com os humildes -Pablo Neruda- a outro igualmente comprometido como José Martí, gostaria de terminar estas palavras citando alguns dos versos que o Prêmio Nobel dedica a Cuba e a seu Prócer na sua obra “Canto General”. Diz Neruda:

*“Cuba, flor espumosa, efervescente  
azucena escarlata, jazminero,  
cuesta encontrar bajo la red florida  
tu sombrío carbón martirizado,  
la antigua arruga que dejó la muerte,  
la cicatriz cubierta por la espuma.*

*Pero dentro de ti  
como una clara geometría de nieve germinada,  
donde se abren tus últimas cortezas,  
yace Martí como una almendra pura.*

*Está en el fondo circular del aire,  
está en el centro azul del territorio,  
y reluce como una gota de agua  
su dormida pureza de semilla.*

*Es de cristal la noche que lo cubre”*

Muito obrigado.

- Aplausos.

SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO (Leonardo F. Mejía): A continuação fará uso da palavra o Embaixador Juan Francisco Rojas Penso, Secretário-Geral da ALADI.

SECRETÁRIO-GERAL: Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho de Ministros da Associação e Ministro das Relações Exteriores do Uruguai; Senhor Presidente do Comitê de Representantes e demais membros do Comitê, Senhor Doutor Eusebio Leal Spengle, é uma honra para nós tê-lo aqui esta manhã, visitando nossa Sede; Senhores Representantes dos países e Organismos Observadores; Senhor Decano e demais membros do Honorável Corpo Diplomático, Autoridades Nacionais e Convidados Especiais; Senhores Secretários-Gerais Adjuntos e demais companheiros da Secretaria-Geral, Senhoras e Senhores:

"Para mim, a Pátria não será nunca triunfo, senão agonia e dever. Já arde o sangue. Agora tem que dar respeito e sentido humano ao sacrifício. Quem pensa em si mesmo não ama à Pátria; e está o mal dos povos, por mais que às vezes o dissimulem, nos estorvos ou nas pressas que o interesse de seus representantes põe no curso natural dos acontecimentos".

Este emblemático parágrafo descreve o pensamento do grande Prócer, Dom José Martí, conhecido também como o Mestre ou o Apóstolo da Independência de Cuba.

Surgido do seio de uma família de origem humilde, Martí, desde muito jovem, manifesta seus especiais dotes intelectuais quando, a partir da análise de seu entorno social, começa a desenvolver e traçar as bases do que no futuro conheceremos como o pensamento martiniano. Assim, com apenas 16 anos e como conseqüência de seus prematuros e palpitantes ideais políticos, que manifesta publicamente em favor da independência de Cuba, dão como resultado o começo de uma peregrinação em sua vida que o levou, a partir desse momento, à prisão e ao desterro.

Essa peregrinação, porém, repercutiu positivamente na vida do Prócer. Dom José Martí continuou fortalecendo seu intelecto, enriquecendo seus conhecimentos e aperfeiçoando sua fecunda pluma.

A projeção da obra de Martí colocou por demais de relevo seu americanismo, seu sentido de justiça social, sua extrema sensibilidade e sua permanente apologia à liberdade.

"América há de promover tudo o que aproxime os povos e de abominar tudo o que os separe...", ... "Parece-me boa uma corrente para atar, dentro de um mesmo cerco, todos os povos da América" ... "uma grande Confederação dos povos da América Latina, necessitase.....". Estas afirmações recolhem o grande valor que dava ao americanismo e ao claro espírito de unidade dos nossos povos, que sempre esteve presente na mente do Prócer cubano.

Diversos e destacados pensadores coincidem no extraordinário conceito e ideal político que motivou, gestou e sempre esteve presente nas diferentes manifestações do patriota, que atinge seu ponto culminante com a criação do Partido Revolucionário Cubano, que procurava unificar as agrupações de imigrantes cubanos, com o objetivo de fazer a guerra pela criação da República.

Para Martí, não existia política eficaz à margem de valores e ideais que não estivessem enraizados intrinsecamente na condição humana, o qual entrelaça-se com o conceito de "a liberdade de pensamento" presente no ideal martiniano, quando afirma: "Parece-me que matam um filho cada vez que privam um homem do direito de pensar...".

O Poeta, como também chamava-se ao Prócer, brilhou pela destreza, habilidade e riqueza de sua pluma, que o transformou em um insuperável jornalista da nossa América.

Esta permanente dedicação levou-o à fundação do Jornal Pátria. Dom José Martí outrossim, resplandeceu por sua insuperável condição de extraordinário literato, ao expressar sua sensibilidade através da poesia e da prosa.

Ao resgatar de seus escritos que “é preferível o bem de muitos que a opulência de poucos...”, encontramos em sua obra um profundo pensamento de justiça em favor dos mais desprotegidos. Ao longo de sua vida destaca-se sua luta permanente pelo bem de todos e seu pouco interesse pela acumulação da riqueza e a obtenção de privilégios.

Não gostaria de concluir estas palavras sem antes expressar nossa complacência porque no dia de hoje o Governo de Cuba doa à Associação um busto desse grande Prócer e Revolucionário cubano, o qual passará a engalantar nossa Sede ao lado dos Próceres dos demais países-membros, para inspirar nosso pensamento e guiar nossa ação cotidiana.

Para nós constitui, então, um motivo de orgulho e compromisso, receber a lembrança permanente deste patriota e Prócer cubano, quem projetou-se a toda Nossa Pátria: América.

Muito obrigado.

- Aplausos.

SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO (Leonardo F. Mejía): Agora escutaremos as palavras do Doutor José Eusebio Leal, historiador da República de Cuba.

Representante da República de CUBA (Eusebio Leal Spengler): Excelentíssimo Senhor Chanceler da República Oriental do Uruguai, Excelentíssimo Senhor Presidente do Comitê de Representantes, Excelentíssimo Senhor Secretário-Geral da Associação, Excelentíssimo Senhor Núncio de Sua Santidade e Decano, Excelentíssimos Senhores, Senhoras, Embaixadores, distintos amigos:

Em 19 de maio de 1895, apenas nascia o sol no oriente cubano, quando teve lugar um encontro infeliz entre tropas espanholas e um pequeno contingente “mambí”, ou seja, de combatentes separatistas cubanos.

Desconhecia-se realmente que naquele grupo encontrava-se o General-Chefe do Exército Libertador de Cuba, Máximo Gómez Báez, nascido na República Dominicana, e José Martí, líder do processo revolucionário independentista, elevado ao grau de General, sem ser ele um militar, poucos dias depois de ter desembarcado em terras cubanas.

Aquele lugar caracteriza-se pelo encontro de dois grandes rios: o “Cauto” e o “Contramaestre”. E nesse triângulo fatal, Martí avança completamente só, tentado por algo mais que sua vontade, talvez pela alegoria que -sobre seu destino- tinha-se ditado nos seus próprios versos, quando disse: *Sinto dentro de mim um cântico que não pode ser outro que o da morte*. Avançou decididamente até cair transpassado pelas balas, e seu cadáver abandonado foi recolhido pelas tropas espanholas.

Identificado pelos objetos que levava entre suas roupas, Martí transformou-se na notícia do fim do processo político que já anunciava-se na imprensa continental espanhola e norte-americana. Porém, com palavras clarividentes, o poeta prediz: *Meu verso crescerá: sob a erva, / eu também crescerei*.

Tinha somente 42 anos, nascido em Havana em 1853, no momento em que acentuava-se uma profunda crise política, encontrando-se dividida a opinião pública a respeito do domínio da Espanha sobre a Ilha, em três opções claramente distantes uma da outra.

A primeira, tímida, procurava então afirmar o sentimento de independência absoluta e plena para Cuba. Nesse propósito, identificava-se com as ilhas antilhanas da vizinhança, de Puerto Rico e de Santo Domingo, Antigua Espanhola.

Um segundo grupo aspirava reformas políticas, tentado pela possibilidade de salvar seus grandes recursos econômicos, investidos principalmente na indústria do açúcar, sem ter que passar pelo transe amargo de uma guerra de independência ou de libertação nacional.

A terceira opção acreditava que Cuba estava chamada por seu destino para ser mais uma estrela da constelação do Norte, e, portanto, aspirava a uma anexação que favoreciam políticos e militares do sul dos Estados Unidos, os quais ainda não tinham solidificado uma nação unitária emergente da grande guerra civil.

Na Espanha, um movimento de simpatia por Cuba formava-se nos setores abolicionistas e anti-escravatura, os que consideravam como um freio para o desenvolvimento da pujante modernidade, que Cuba mantivesse um sistema produtivo baseado na já quase impossível importação de escravos africanos. Trazidos desde algum ponto da costa, estas peças humanas eram vendidas no Caribe para movimentar a indústria que, paradoxalmente, contava já com os mais modernos avanços da ciência: o vapor e o trem.

Cuba tinha introduzido as estradas de ferro por volta de 1837, convertendo-se no sétimo país no mundo em implementá-las. Por sua vez, uma comissão de importantes donos de engenho —a denominada “sacarocracia cubana”— buscou na Inglaterra o auxílio dos irmãos Watts para pôr o engenho a vapor ao serviço da indústria açucareira.

A esse desenvolvimento impetuoso correspondia-lhe uma situação jurídica ambígua, já que somente Cuba e Puerto Rico permaneciam sob o domínio espanhol, por ter conquistado sua independência as demais colônias americanas ao redor de 1820.

Sob a impronta de homens ilustres como os sacerdotes mexicanos Hidalgo e Morelos, e o esforço incomensurável do Libertador, Simón Bolívar, passando pelo imenso desprendimento e o caráter heróico da gesta sanmartiniana, esse sentimento independentista abrangeu os países do sul, chegando até as portas do Peru.

Ali, na Alta Pampa de Quinua, em Ayacucho, o último esforço militar hispano abateu-se. Ao igual que as tropas derrotadas no Puerto Cabello e San Juan de Ulúa, essas forças dizimadas tiveram que passar por Havana antes de serem repatriadas.

Apraz-me que este ato aconteça no seio da República Oriental, porque ela foi o berço de um dos mais altos representantes daquela plêiade de heróis ímpares da história americana.

Se não tivesse existido José Gervasio Artigas, teríamos que criar uma lenda com seu nome. O Êxodo do Povo Oriental, o imenso sacrifício da terra que fica virtualmente despovoada, a conquista da independência, a tristeza enorme da expatriação..., tudo isso é

comparável somente ao destino de San Martín, quem apaga-se na França esperando que se cristalize o sonho da unidade americana.

Seria esse mesmo anelo o desvelo mais importante na apostólica tarefa de Martí. Não em vão, o primeiro monumento que levantou-se em Cuba, no Parque Central, está sustentado pela República Oriental: os bois e os condutores daquela carreta de bronze mantêm suspensa a estátua do Apóstolo que fala de sua tribuna.

Desde que no México enfrentou-se pela primeira vez à realidade do índio, nosso Prócer conheceu grandes homens da reforma: na Guatemala, em Honduras... entre outros países centro-americanos, que abriram seus braços aos cubanos durante aquele primeiro e longo exílio que sucedeu à guerra falida de 1868 a 78.

Não se alcançou, então, a independência, depois do enérgico pronunciamento de Carlos Manuel de Céspedes, em 10 de outubro daquele primeiro ano. Mas a verdade é que surgiu a canção de gesta, o perfil nacional...; surgiram os heróis empenhados, os poetas e os pensadores que outorgaram-lhe uma esperança real de liberdade ao pequeno país insular, cuja população de 1 400 000 habitantes incluía mais de 360 mil escravos africanos.

Essa vocação de liberdade projetou-se desde o início ao exterior, com essa visão do mundo de abranger sempre os povos irmãos no cultural e no político, já que —como Ilha— Cuba não poderia ficar de lado ou na zaga do resto da América.

Nesse sentido, a vida de Martí é uma interessante e exemplar odisséia. Filho de pai e mãe espanhóis, talvez por isso aprendeu que a questão que ia se debater no futuro, não poderia fundar-se no ódio estéril.

Acreditava que era necessário salvaguardar da Espanha o bom e o melhor, o que está contido na sua poesia, na tradição enérgica de seu pensamento intelectual, no heroísmo como nação, nos bravos guerrilheiros que soube produzir em todos os tempos de sua história: desde Viriato até Xavier Mina.

Por isso, quando hoje citavam-se aqui seus versos sobre *a rosa branca*, cujo cultivo esmerado pondera, parecia-nos estar escutando, também —de trás desse verso simples e bem sonoro: *Cultivo una rosa blanca en julio como en enero...*—a voz da santa que repete com força e inspiração: *Vivo sin vivir en mí y tan alta dicha espero que muero porque no muero...*

Preso político aos 16 anos, arrastando grilhões dolorosos, viu ajoelhar-se perante si mesmo a seu velho progenitor, quem sofre por essa inesperada vocação sua de libertador, a dor mais profunda que um pai espanhol pode receber nesse momento, quando se faz evidente uma confrontação entre nativos e hispanos.

A mãe, doce e boa, mãe de sete fêmeas e de um só varão, compartilhou com Dom Mariano a esperança de que seu filho fosse, algum dia, um escrivão ou um advogado... Talvez não fosse lícito pensá-lo na família de um soldado e de uma bordadeira, de aí que enfrentaram-se a uma realidade para eles inesperada.

O filho de seu amores tinha nascido poeta: "*Míreme madre y por mi edad no llore*", escreveu no reverso de uma fotografia do presídio ... "*si esclavo de mi edad y mis doctrinas, su mártir corazón lleno de espinas, piense usted madre que nacen entre espinas flores...*" Dessa forma começa seu longo exílio.

A Espanha recebeu-lhe, maternal e amorosa. Vai para Zaragoza, para o seio do povo batalhador que pouco antes tinha dirimido seu sentimento liberal contra as tropas monárquicas nas ruas da cidade de El Pilar. Lá, no teatro Principal, recita, às vítimas daquele holocausto, seu verso ardente: *“Para Aragón en España tengo yo en mi corazón un lugar... Aragón, noble, fiero, fiel, sin saña”*.

A temporada espanhola concluirá com sua viagem ao México, onde —como já disse— conhece a realidade de nossa América indígena. Surpreende-lhe a magnitude do esforço republicano; admira a força e a grandeza moral desse país, irmão mais velho naquela latitude do mundo para Cuba. E depois, reclamado por seu amigo, o General Justo Rufino Barrios, chega a Guatemala para desempenhar-se como mestre e educador de letras e literatura no seio da juventude.

Tinha-lhe precedido o poeta cubano José Joaquín Palma, autor do hino nacional daquela República, e ali rompeu Martí a corola do que chamaria a pouca flor de uma vida, quando enamora-se da filha do ex-Presidente, compromisso que não se celebrou porque antes, no México, tinha deixado sua palavra comprometida.

Episódio amoroso que faz mais humano o poeta; acontecimento que devolveu, àquela frágil mas forte natureza, o espírito poderoso, essa tendência que o homem americano sempre teve perante o reclamo e a formosura da mulher.

Foi a escolhida sua coterrânea Carmen Zayas Bazán, com quem casara-se no Sacrário da Catedral do México: *“Es tan bella mi Carmen, es tan bella —exclama—, que si el cielo la atmósfera vacía/ Dejase de su luz, dice una estrella/ Que en el alma de Carmen la hallaría...”*. E levantando assim seus amores à hierarquia de lenda americana, sente o chamado de Cuba que, ao concluir a guerra em 1878, abre as portas, por indulto do Rei, aos proscritos emigrados.

Na pátria só pode ficar onze meses, nos que —como orador— faz uso da palavra em atos altamente comprometedores. Por esse verbo acerado e desafiador, que transluz suas idéias, voltará a ser deportado novamente e já nunca poderá regressar senão até o momento postremo.

O que mais surpreende desta vida é que sua maior parte tem lugar no exterior, mas isso não afetou nem o caráter, nem o estilo, nem a forma de atuar, daquele a quem seus amigos chamavam de Mestre.

O jornalismo no exílio norte-americano, que começa em 1880, lhe serve para lutar pelo sustento de sua vida e de sua família. Casado, com um pequeno filho, estará também por um breve tempo na Venezuela. Ali chega uma tarde perante o monumento do Libertador... *“Cuentan que un viajero llegó un día a Caracas al anochecer —escreveu—, y sin sacudirse el polvo del camino, no preguntó donde se comía ni se dormía, sino cómo se iba adonde estaba la estatua de Bolívar...”*

Mas sua amizade com o poeta Cecilio Acosta e a intolerância do Presidente Guzmán Blanco, obrigaram-lhe a uma deportação definitiva. Passará a viver nos Estados Unidos, onde permanecerá durante quinze anos, período que permitir-lhe-á conhecer o que poderíamos chamar seu terceiro laboratório.

O primeiro era na Espanha; a Espanha de seus pais, já descrita. O segundo, a terra americana: México, Venezuela e América Central; a mãe América, como a chamou em seu monumental discurso no restaurante de Delmónico, em Nueva York, quase porta com porta

com o Consulado uruguaio, onde seu íntimo amigo, o intelectual, diplomata e escritor uruguaio, Enrique Estrázulas, protegia-lhe com amável e paternal solicitude.

Aprende com detalhe a falar e a traduzir o idioma inglês; escreve artigos para o periódico *La Nación*, de Buenos Aires, para a imprensa uruguaia, para jornais do México e da América Central, e assim seu nome começa a ser conhecido.

Produz-lhe tristeza e afeta seu estado de ânimo a divisão dos cubanos no exterior; não podem encontrar concórdia os que, de uma forma ominosa, foram vencidos na guerra, não pelo poder das armas espanholas, mas por sua própria desunião.

Admira-lhe a coragem de Antonio Maceo e de Máximo Gómez, que têm perseverado na vontade de combater. Sabe que na República de Honduras puseram-se de acordo para lançar um manifesto aos cubanos, mas a hora não tinha chegado ainda.

Na comemoração das datas pátrias cubanas, Martí sobe ao pódio como o grande orador que surpreende pelo timbre de sua voz, por sua vasta cultura, por seu poder de atrair e tornar-se um ás nos corações das pessoas. Alguém que o vê diz: subia e descia escadas como quem não tinha pulmões; parecia encarnar o movimento...

Tão jovem que causava surpresa, seu corpo e sua alma estavam —porém— muito feridos pelos anos do presídio político, os danos materiais causados pela cadeia e os grilhões... A febre, as dores, subtraem-lhe permanentemente de estar onde considera seu dever, mas de qualquer forma os emigrados cubanos convidam-o a Tampa, a Cayo Hueso, a Nova York, onde naqueles anos chegavam por multidões, os imigrantes de todas partes do mundo.

A “Babel de Hierro” parecia ser o símbolo da mais pujante, tremenda e admirável modernidade, e ali —junto aos suecos, aos irlandeses, aos húngaros...— também estão os cubanos, os que compartilham a mesma súplica e desejo de regressar à pátria distante.

Surpreende a leitura dos jornais cubanos publicados em Nueva York, as notícias dos barcos que trazem os produtos que eram mais gratos à sua mesa: feijão, arroz, bananas verdes, charque de Montevideu... E reunidos todos para celebrar e comemorar, fundam-se os Clubes Patrióticos, que vão somando-se até lograr consolidar uma união muito forte ... E quando essa união leva-os a escolher um delegado em representação de todos aqueles clubes, esse delegado não é outro que José Martí.

Alguém que o viu nesse tempo, o mestre negro cubano Rafael Serra, falou dele: era um Apóstolo. E Martí levou esse nome, não porque fosse seu desejo, mas porque era o veredicto que oferecia-lhe a admiração da multidão.

As mulheres cubanas, para as quais sempre teve especial carinho, queriam conservar seu lenço, sua pluma... Via-se-lhe em pobreza como o Padre Félix Varela, o precursor da nossa independência, morto em San Agustín da Florida no mesmo ano de 1853, quando nascia Martí.

Os amigos deviam fazer coletas para comprar-lhe um abrigo; tudo em Martí era austeridade; por isso pôde exclamar e dizer que não vivia nem em jantarolas nem em dissipações, mas que vivia com a sobriedade dos apóstolos... E assim surgiu o apelido de Apóstolo, um novo na América, como anteriormente foram outros os reconhecimentos a nossos emancipadores, que ninguém ousaria romper: o Libertador, o Protetor, o Benemérito das Américas...

Dessa forma, foi levantando-se até converter-se no líder do exílio e, chegado o momento, fez uma proposta revolucionária e inovadora: criar um partido político para dirigir a luta armada, o Partido Revolucionário Cubano, e um jornal —*Patria*— que devia consolidar a unidade por cima de desavenças e encontrões.

Foi uma tarefa árdua: ver de que forma poderia realizar-se um movimento rápido, que não devia ser convocado pelo ódio, mas pelo amor, e convocar por igual a espanhóis e cubanos, para levantar juntos a probabilidade da independência pátria.

Objetivamente, isso não era possível, por isso considerou a guerra preparada por ele, primeiro como inevitável, e depois, como necessária. Tendo conhecido, como nenhum latino-americano, a realidade dos Estados Unidos, também soube entrever o drama real e evidente que Cuba devia enfrentar, já que ela devia ser tão livre da Espanha como do grande vizinho poderoso.

Toda sua prédica baseia-se nestes dois princípios e, por incrível que pareça, preocupava-lhe mais o segundo que o primeiro, a tal extremo que na carta póstuma dirigida a Michoacán, a seu amigo mexicano Manuel Mercado, diz-lhe: (...) *ya estoy todos los días en peligro de dar mi vida por mi país y por mi deber—puesto que lo entiendo y tengo ánimos con que realizarlo—de impedir a tiempo con la independencia de Cuba que se extiendan los Estados Unidos con esa fuerza más sobre nuestras tierras de América. Cuanto hice hasta hoy, y haré, es para eso (...)*

Embarcado naquele processo que parece quebrar-se no último momento, quando a conspiração é descoberta, manda a ordem de que se produza em Cuba o levantamento que já todos esperavam... Praticamente ninguém conhecia-lhe na Ilha, exceto seus amigos mais íntimos... Seus admiradores estavam dispersos pelo mundo: desde Paris, onde surpreendeu com sua eloquência a Víctor Hugo, até o Continente americano, onde os poetas e escritores sentiam o atrativo magnético de sua personalidade, incluído o nicaraguense Rubén Darío, quem, ao ter notícias de sua morte, exclama: «¡Maestro, qué has hecho!».

Em 1º de abril de 1895, Cuba já está sob as armas e declara-se a Lei de Emergência. Desembarcam os primeiros cubanos pelo oriente do país, seguindo seu caudilho mais prestigioso: Antonio Maceo, que em 11 desse mesmo mês, também pela costa oriental, procedentes da República Dominicana, fazem-no Martí e Máximo Gómez.

De 11 de abril a 17 de maio, os dias prévios a sua queda em combate, Martí reflete no seu *Diário* com inigualável beleza, a natureza dessa parte de Cuba, desconhecida para ele até então... Surpreendem as descrições das árvores, das flores, das criaturas do mato; a dor e a surpresa perante as primeiras feridas abertas dos homens; o horror e o espanto da guerra...

Dias antes também escreveu a sua mãe, a carta mais bela que conservamos: *Hoy, 25 de marzo, en vísperas de un largo viaje, estoy pensando en Ud. Yo sin cesar pienso en Ud., Ud. se duele en la cólera de su amor, del sacrificio de mi vida; y ¿porqué nací de usted con una vida que ama el sacrificio? Palabras, no puedo. El deber de un hombre esta allí donde es más útil. Pero conmigo va siempre en mi creciente y necesaria agonía, el recuerdo de mi madre (...) bendígame, y crea que jamás saldrá de mi corazón obra sin piedad y sin limpieza. La bendición.*

Poucos dias depois é aclamado como Presidente. Um Presidente que não chegaria a ser tal; um estadista sem Estado, como alguém disse uma vez de outro que precedeu-lhe

no tempo ... Mas, sua voz escutaria-se vibrantemente até o último instante, e quando caiu em Dos Ríos, sua queda cumpre a missão de projetar para o futuro, o destino de nosso povo e de toda a América.

Era a alma de um homem grande, um símbolo quase perfeito, pôde falar-se de perfeição na natureza humana. E qual imagem divina, o certo é que deixou uma pedra angular para o reconhecimento do que somos, de nossa identidade, de nosso orgulho, de nossa vontade de ser, de traspassar limitações, de superar qualquer fatalidade e lograr para nossa América um destino melhor, de justiça, paz e liberdade.

Excelências, sinto-me feliz de que esta manhã, entre seus irmãos de espírito, fique às portas da ALADI, olhando esse rio maravilhoso, que simula ser um mar, este busto de José Martí.

Que esta presença aqui seja o símbolo de sua permanência eterna no coração dos orientais, este povo que admiramos e amamos.

Muito obrigado.

- Aplausos.

- O auditório colocou-se de pé.

SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO (Leonardo F. Mejía): Para encerrar a sessão, fará uso da palavra o Presidente do Comitê de Representantes, Embaixador Héctor Casanueva Ojeda.

PRESIDENTE: Creio que todos estamos comovidos com as palavras do Doutor Leal. Desejaria encerrar esta sessão e convidar os Senhores, então, a continuar com a cerimônia de desvelar o Busto do Prócer, Herói, Poeta, José Martí, segundo o estabelecido no programa desta Sessão Extraordinária.

Muito obrigado.

---